

Dossiê

Perfil do eleitorado nas eleições ao cargo de presidente da República: reflexos de um Brasil dividido?

DOI: <https://doi.org/10.14244/agenda.2024.2.3>



Julia Alves de Andre

Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação Ciência Política da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCP/UFCG). Especialista em Direitos Difusos e Coletivos (CERS/CEI).

E-mail: julialvesd@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2266-9840>



Kelly Cristina Costa Soares

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é professor adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

E-mail: kellyccsores2407@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3129-231X>

60

RESUMO: Em que medida as eleições presidenciais de 2022 no Brasil definiram o quadro de polarização e divisão do eleitorado? A teoria política contemporânea tem dedicado crescente atenção ao fenômeno da polarização afetiva. Para isso, entende o processo pelo qual as divisões políticas deixam de se basear prioritariamente em diferenças ideológicas ou programáticas e passam a ser estruturadas por emoções e identidades sociais. No contexto brasileiro, a literatura especializada aponta como principais vetores desse processo a consolidação do Partido dos Trabalhadores (PT) no Executivo Federal, tendo Luiz Inácio Lula da Silva como sua principal liderança, e a ascensão da nova direita, materializada na forma extremada pela eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República. Nesse sentido, as eleições de 2022 configuraram-se como um marco de acirramento desse quadro, evidenciado por uma disputa intensamente polarizada entre os dois candidatos, ambos ex-presidentes, o que resultou em uma expressiva divisão nas estimativas de intenção de voto. Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo investigar o perfil do eleitor brasileiro à luz da polarização afetiva. Para isso, realiza-se, inicialmente, um levantamento teórico acerca do fenômeno e dos dois principais atores políticos em disputa, seguido de uma análise descritiva com base em dados secundários oriundos das pesquisas eleitorais do Instituto *AtlasIntel*. Essa abordagem visa prospectar o perfil do eleitor brasileiro sob a luz da polarização afetiva em resposta à questão de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Lulismo; Bolsonarismo; Polaridade; Comportamento Político; Poder Executivo.

Recebido em: 13/03/2025

Aprovado em: 16/10/2025



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

1 Introdução

No âmbito da Ciência Política, existem diversas formas de definir polarização política, dentre as quais: (i) consistência ideológica, (ii) divergência ideológica, (iii) polarização percebida; e (iv) polarização afetiva (Lelkes, 2016).

O interesse sobre esse fenômeno originou-se nos Estados Unidos, a partir do trabalho de Hunter (1991) que incentivou pesquisas empíricas sobre a polarização das opiniões e das identidades em diferentes bases de dados (Ortellado; Robeiro; Zeine, 2022). Todavia, as técnicas utilizadas pela literatura americana não têm capacidade para serem transplantadas diretamente para alguns países devido às singularidades institucionais e regras eleitorais deles (Mello, 2023), como o multipartidarismo, a alta fragmentação partidária, a volatilidade eleitoral, a identificação com o partido ou a qualidade da democracia.

Destarte, a teoria política tem dado cada vez mais importância ao estudo da polarização, por esta ter sido associada ao surgimento mais recente de uma extrema direita atualizada, especialmente em pleitos ocorridos em países como a Inglaterra, com o plebiscito do *Brexit*, em junho de 2016, na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos até chegar ao Brasil em 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro (Alkmim; Terron, 2022), dentre outros eventos.

61 O crescimento de animosidades entre o eleitorado tem sido investigado por uma crescente literatura da Ciência Política, que se debruça sobre a polarização afetiva (Sousa, 2019). Esta pode ser conceituada como quando há um aumento do desafeto entre grupos políticos rivais (Iyengar; Sood; Lelkes, 2012). Tais estudos têm por base a teoria dos grupos sociais e seu foco incide sobre a identidade grupal e o aumento da desafeição sobre o grupo político rival, isto é, o uso de estereótipos e o desejo de um grupo se distanciar em relação ao grupo alvo da desafeição (Funks; Marques, 2020).

Assim, existem estudos demonstrando que a polarização afetiva pode se formar sobre grupos bem mais fluídos do que os estruturados pela identidade partidária (Hobolt; Leeper; Tilley, 2020), como em relação a líderes políticos (Rogowsky; Sutherland, 2016).

Liliana Mason (2018) concluiu em suas pesquisas que, na realidade, as pessoas se identificam com os rótulos partidários mais pela via da afeição/desafeição do que pela adesão a questões ideológicas. Dessa forma, o processo de construção das identidades políticas na contemporaneidade se baseia nos sentimentos de inclusão e exclusão, isto é, no pertencimento ou não a determinado grupo. Nesse aspecto, a polarização afetiva expressa campos distintos de sentimentos de inclusão e exclusão pelos quais os eleitores definem suas preferências.

No caso contemporâneo brasileiro, percebe-se que as eleições ao cargo de Presidente da República no ano de 2022 conteve o ineditismo de possuir dois candidatos representantes de ideologias e governos já vivenciados pelo povo caracterizada pelo grau elevado de polarização afetiva entre esses dois sujeitos e o que representam para a história do país.

Motivado por todo exposto, a presente pesquisa possui o objetivo de prospectar o perfil do eleitor brasileiro sob a luz da polarização afetiva. Para isso, buscou-se compreender como o fenômeno

se manifesta no Brasil, realizando levantamento histórico na literatura envolvendo os dois candidatos com maior quantidade de intenção de votos, representantes do lulismo e do bolsonarismo, para que, por fim, fosse compreendido o perfil do eleitorado em resposta à questão de pesquisa sobre o que faz o eleitorado do país se encontrar dividido.

2 A polarização afetiva no Brasil

No Brasil, a polarização política ainda é considerada assunto recente (Fuks; Marques, 2023; Ortellado; Ribeiro; Zeine, 2022). Isso decorre de que, no cenário histórico brasileiro, os partidos políticos mais relevantes se deslocavam em direção ao centro da escala ideológica. Isto é, partidos de esquerda aderindo cada vez mais à economia de mercado ou liberal, e a “direita envergonhada” não assumia sua identidade ideológica (Samuels; Zucco, 2018). Logo, a literatura costumava sugerir que o partidarismo tinha pouco impacto sobre o comportamento do eleitor Brasileiro (Nunes; Traumann, 2023). Nesse contexto, os elementos mais importantes no direcionamento do voto eram, em suma, o desempenho pessoal do político (Samuels, 2016).

62

Contudo, na década de 1980, mais da metade dos eleitores expressaram uma forte afinidade ou antipatia sobre o Partido dos Trabalhadores (PT) (Samuels; Zucco, 2018), que ganhava paulatinamente sua ênfase e centralidade no cenário político pátrio (Singer, 2021). Destarte, os contornos do partidarismo positivo e negativo no Brasil foram moldados primordialmente pela forma como os eleitores se sentem em relação a ele (Nunes; Traumann, 2023). Perpassando a mera expressão sobre uma preferência política, para tornar-se manifestação identitária entre ser petista ou antipetista.

Paralelamente a tal fator, com a radicalização dos discursos políticos e o desgaste petista, houve o surgimento de uma “nova direita” nas ruas (Alonso, 2017; Avritzer, 2016), no parlamento (Melo; Câmara; Santos, 2020; Quadros; Madeira, 2018), nos meios de comunicação tradicionais (Penteado; Lerner, 2018) e na internet (Messenberg, 2017). Para Borges (2024) a nova direita pode ser dividida em duas vertentes: 1) nova direita evangélica encarnada por representantes das diferentes denominações evangélicas nas arenas eleitoral e parlamentar; 2) nova direita associada à onda antissistema e antipartido impulsionada pela operação Lava Jato e pela crise econômica no segundo governo Dilma Rousseff.

O fenômeno da polarização afetiva intensificou-se especialmente após as eleições de 2014, marcadas pela crescente oposição entre petismo e antipetismo, e mais recentemente entre bolsonarismo e antibolsonarismo. De acordo com Limongi e Meneguello (2022), a competição política transformou-se em antagonismo afetivo, no qual o adversário é percebido como inimigo. Camila Rocha (2021) destaca o papel das redes digitais na difusão de discursos emocionalmente carregados, que reforçam o pertencimento grupal e a rejeição ao outro. Esther Solano e Rosana Pinheiro-Machado (2019) apontam que emoções como raiva, medo e ressentimento tornam-se recursos políticos centrais na formação de identidades coletivas. Além disso, autores como Felipe Borba (2020) e Rousiley Maia

(2021) demonstram como a comunicação política e o ambiente midiático reforçam a lógica do conflito e da hostilidade entre campos opostos. Desse modo, a polarização afetiva no Brasil reflete a substituição do debate racional por emoções políticas intensas, contribuindo para a radicalização, a intolerância e a erosão da moderação democrática.

Assim, a partir de eventos como as manifestações de junho de 2013, a Operação Lava Jato em 2014, a *débâcle* econômica a partir de 2015, a campanha do *impeachment* em 2016 e a de Bolsonaro em 2018, tornou-se oportuno, não só o surgimento como também o fortalecimento dessa nova direita (Borges, 2024).

Por conseguinte, um dos principais fatores que tornou palpável a polarização afetiva no Brasil foi essa transição da “direita envergonhada” para o crescimento da nova direita no país. Isto é, parte dos brasileiros perderam a vergonha de assumir uma identidade política com pautas e diretrizes de direita de forma que a conotação anteriormente considerada negativa do “ser de direita” deixou de ser motivo de incômodo ou preocupação (Avritzer, 2023).

Nesse momento, a recuperação da dimensão subjetiva em torno do conceito de polarização afetiva, procura refletir o distanciamento nas relações cotidianas, entre familiares, amigos e mesmo entre pessoas que não se conhecem, se consolidando na campanha eleitoral de 2018 (Alkmim; Terron, 2022). No final desta eleição, a forte polarização entre os eleitores, no que foi denominada “política de ódio” (Mello, 2020), em seus diversos aspectos.

Assim, em pesquisa realizada pelo Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação (INCT/IDDC) foi revelado que houve um crescimento de 21,8% no ano de 2018 para 35,7 no ano de 2021 de pessoas que expressamente se declaravam “de direita”. Na mesma análise, percebeu-se também que houve a diminuição do contingente populacional das pessoas que não se posicionavam na escala ideológica, partindo de 38,7% para 15,3%.

Nessa conjuntura, pesquisa empírica promovida por Mario Fuks e Pedro Henrique Marques (2022) identificou que a polarização afetiva está em progresso, adquirindo contornos mais evidentes em 2018 e que ela é mais expressiva em relação às lideranças políticas do que em relação aos partidos. Por todo o exposto, a pesquisa descritiva permite averiguar a hipótese de que a intensificação da polarização política no Brasil deve-se à centralidade do PT no sistema político brasileiro e ao crescimento da nova direita, uma vez que, se tornou evidente a expressão de sentimentos positivos e negativos em relação aos dois lados.

Este trabalho buscou descrever o comportamento dos eleitores no que tange a definição da polarização afetiva a partir dos dados da Pesquisa *AtlasIntel* de 2022. Vale salientar que, essa escolha metodológica justifica-se pela possibilidade de utilização dos dados da pesquisa sobre preferência eleitoral de diversas maneiras, pois fornecem informações que ajudam a compreender o comportamento e a segmentação do eleitorado. Trata-se de metodologia inovadora e pertinente à temática das preferências políticas dos usuários no meio digital. Dessa forma, o Instituto de Pesquisa faz coleta de seus dados a partir de questionários elaborados com base na metodologia *Random Digital*

Recruitment (RDR), com convites aleatórios enviados e respondidos por usuários de Internet durante navegação padrão. A partir disso, suas amostras são selecionadas de forma a corrigir eventual super ou sub-representação de grupos específicos, além de impedirem respostas de usuários que já participaram do estudo. Para as pesquisas de intenção de voto nas eleições presidenciais, a margem de erro variou entre mais ou menos 1 ponto percentual e índice de confiabilidade de 95%.

Os dados permitem detectar identificação política e polarização identificando os percentuais de eleitores que se consideram petistas, anti-petistas, ou que não se alinham diretamente com esses polos. Nesse aspecto, revelam o grau de polarização no cenário eleitoral, permitindo analisar como identidades políticas moldam escolhas de voto detectando a evolução temporal das preferências. A pesquisa *AtlasIntel* apresenta duas medições próximas (em intervalos de poucos dias), tornando possível observar mudanças no posicionamento dos eleitores, indicando flutuações no clima político, impacto de eventos de campanha ou debates.

3 Da emergência do lulismo ao antipetismo

André Singer (2012) delimita o ano de 2002 como marco inicial do realinhamento eleitoral no Brasil, se consolidando em 2006, em pleito de continuidade, a partir da aderência do proletariado e subproletariado em bloco a Lula, tendo como principal agenda a redução da pobreza.

Assim, conforme pesquisas de Pavez (2023) a base eleitoral lulista permaneceu no poder para além do voto, que responderia a uma ligação afetiva primordial de identificação com o líder político. Isso foi a gênese da percepção de algo em comum, precipitando uma “alma coletiva”, “os pobres”, por meio de laços de identificação mútua, conforme a descrição freudiana, característicos da mentalidade de massas.

Na eleição de 2002, o PT ganha força eleitoral majoritária, se consolidando nas eleições seguintes. Mas a partir de 2006, esse partido ganha outro padrão de perfil geográfico, se opondo ao PSDB, dentro de uma nova configuração espacial (Alkmim; Trumann, 2022). A partir de então, tornou-se perceptível uma ruptura entre o eleitorado brasileiro: o PT alinhou-se eleitoralmente com o Nordeste e perdeu apoio no Sul e Sudeste, que passaram a ser domínio do PSDB. De um lado, os Vermelhos (PT) e de outro lado os Azuis (PSDB) (Nicolau, 2020). No plano ideológico, isso trouxe, outra vez, à tona a gramática varguista, que opunha o “povo” ao “antipovo” (Singer, 2012).

Nessa esteira, o voto dos mais pobres permaneceu para o PT em 2006, em virtude dos programas de transferência de renda, ao passo que os eleitores mais ricos e, paulatinamente, a classe média, estimulada pelos escândalos de corrupção envolvendo a coalizão do governo federal, passaram a votar no PSDB (Samuel, 2008; Singer, 2012).

Nesse contexto, PT e PSDB travaram intensa competição por seis eleições presidenciais, entre 1994 e 2014, como principais legendas na disputa pelo Executivo Federal (Alves; Martins, 2022). Os discursos dos “tucanos”, em 2014 e 2018, baseavam-se na campanha anticorrupção, que identificava a

coalizão governista aos escândalos apurados pelas instituições de controle. Tal postura reforçava o antipetismo e se associava ao discurso de moralização e ética na política, protagonizado, sobretudo, pelos tradicionais meios de comunicação alinhados historicamente a setores conservadores (Alves; Martins, 2022; Azevedo, 2018).

Portanto, a ascensão de um partido de esquerda permitiu o estabelecimento de uma nova associação: ser oposição significaria ser de direita. Somando-se ao fato, o desgaste gerado pela presença de um mesmo projeto por mais de uma década no poder, acabou por gerar uma fadiga na máquina partidária, bem como um desgaste na sua imagem (Rocha, 2021).

André Singer (2012) e Fábio Wanderley Reis (2014) argumentam que, na verdade, a rearticulação ideológica provocada pelo lulismo, tirou a centralidade do conflito entre direita e esquerda e reconstruiu a polarização a partir do conflito entre ricos e pobres. Portanto, tratar-se-ia de uma repolarização, perante a mudança de conteúdo do seu significado. Isto posto perante os partidos em disputa, PT e PSDB, tornam-nos representativos desses polos sociais.

Ressalta-se que, embora muitas vezes o lulismo seja confundido com o petismo, sendo o sujeito Lula, a principal liderança de demarcação das disputas do PT, são fenômenos diferentes, mesmo que interligados. Existiram momentos em que o PT não teria acompanhado o lulismo, como apontam Hunter e Power (2006), na eleição de 2006, momento em que Lula teria deixado um eleitorado tipicamente urbano e escolarizado por um francamente popular, mas que o mesmo não teria ocorrido com o PT. Já momentos posteriores, teria havido diminuição da distância entre lulismo e petismo.

Assim, Singer (2012) argumenta que o lulismo era uma força nova em 2006 a qual o PT paulatinamente foi aderindo. Por consequência, este ofereceria um canal partidário sólido àquele, afastando o risco populista de se projetar uma liderança carismática “solta”, isto é, sem partido. Mas a desconexão temporária entre as bases do lulismo e as do petismo em 2006 foi o sinal de que havia entrado em cena uma força nova, constituída por Lula à frente de uma fração de classe antes caudatária dos partidos da ordem.

Esses padrões eleitorais configuram uma crescente polarização partidária que chegou ao ápice em 2014, uma vez que o PT venceu a eleição por uma pequena margem de votos. O antipetismo cresceu principalmente em função das crises econômicas e das avaliações negativas do governo (Paiva; Krause; Lameirão, 2016).

Destarte, mesmo com o desgaste político, Lula conseguiu eleger sua sucessora. Por conseguinte, Dilma Rousseff, embora eleita, foi se tornando uma personagem cada vez mais trágica (Brum, 2019). Contudo, representou a sobrevivência do lulismo, para além dos mandatos de Lula (Singer, 2012).

Durante o governo Dilma, o cidadão brasileiro vivenciava uma crise de descrença generalizada na política e nos políticos eleitos. Diante da perspectiva negativa nos segmentos políticos, associada a baixa popularidade da presidenta com a autoridade corroída, junto com seu partido e seu antecessor, cresciam os discursos autoritários (Brum, 2019).

Nesse momento, a conjuntura brasileira se modificou, com o fortalecimento das plataformas digitais. No cenário nacional, redes sociais já serviam para que cidadãos organizassem manifestações e passeatas, bem como se mobilizassem perante seu descontentamento político.

Essa mobilização, organizada e fortalecida através das redes sociais e aplicativos, eclodiram entre 2014 e 2015. Logo, diante da descrença nos políticos, foram descritas como uma retomada do patriotismo, sendo majoritariamente organizadas pela classe média descontente.

Já no ano de 2015, houve o marco no declínio dos marqueteiros petistas. Isso não se deveu apenas a vários estarem enrolados com a Operação Lava Jato, escândalo de corrupção envolvendo o PT e seu símbolo mais forte, qual seja o Lula, mas também porque eles deixaram de compreender o Brasil fragmentado que emergia. Seguiam acreditando que bastava criar imagens para que elas se tornassem imaginárias (Brum, 2019).

É nesse contexto que Jair Bolsonaro, político, até então, considerado do “baixo clero” (Singer, 2019) começa a ganhar destaque. Assim, ele se apresentou como o homem comum, membro de comunidade moral que abarca milhões de brasileiros, capaz de combater a corrupção e simbolizando uma nova ideologia para combater o desgaste político petista e lulista (Almeida, 2019).

66

Tal movimento tornou-se simbólico com a prisão do, até então pré-candidato, o ex-presidente Lula, que acirrou o antipetismo e, mesmo no cenário em que a campanha nas mídias televisivas eram favoráveis ao PSDB, até então maior opositor do PT, as redes sociais digitais já eram de amplo acesso pelos brasileiros (Alves; Martins, 2022).

Diante disso, analistas e políticos avaliam que os eleitores que votaram no PSDB em eleições anteriores migraram para Bolsonaro em 2018, levados pelas expectativas de derrotar o PT e pelos escândalos de corrupção da operação Lava Jato (Rennó, 2020). Isto posto, o bolsonarismo emerge essencialmente do antipetismo e do antilulismo.

Esse quadro de aumento da radicalização levou à polarização de opiniões e atitudes o que, por conseguinte, levou à vitória eleitoral de um *outsider* que, a princípio, a maioria dos politólogos havia subestimado.

4 Nova direita no Brasil: ascensão do bolsonarismo

Um (re)alinhamento ideológico ocorreu na eleição presidencial de 2018 no Brasil (Abranches, 2019; Pimentel Junior; Avelino, 2022). O diferencial delas foi de que, pela primeira vez desde a redemocratização, um candidato declaradamente extremista alcançou o cargo de Chefe do Poder Executivo.

Jair Bolsonaro, trocou oito vezes de partido político antes de se filiar ao PSL, um pequeno partido pelo qual ganhou a eleição presidencial de 2018 contra o PT, que estava no poder desde 2003. Bolsonaro se apresentou aos eleitores na eleição de 2018 como um candidato *outsider*, fortalecido pelas graves denúncias de corrupção contra os partidos políticos e por uma crise econômica que abalou a confiança dos indivíduos (Mello, 2020, p. 27).

Ganhou a competição eleitoral para Presidente no ano de 2018, um candidato sem partido estruturado a apoiá-lo, sem tempo nas mídias televisivas, que desdenhou das campanhas tradicionais, optando, assim, pelas redes sociais, nas quais vinha formando, com bastante antecedência, uma audiência com alto poder de disseminação de suas mensagens, caracterizado por uma campanha com poucas entrevistas à grande imprensa, recusando-se a participar de debates e, paralelamente, uso fundamental das redes sociais digitais (Abranches, 2019).

Por conseguinte, a eleição de 2018 ao cargo de Presidente da República foi marcada pelo que Abranches (2019) denominou de “hooliganismo político”, que é um espírito agressivo de time, cuja torcida não se satisfaz apenas com a vitória, mas sim em destruir toda a gama de adversários a partir da régua da afeição/desafeição em detrimento ao conteúdo programático e ao debate ponderado, culminando em um partidarismo hirto, enviesado e intolerante. Tais características moldam a ascensão do bolsonarismo como parte da nova direita extremista no Brasil.

Por conseguinte, o culto a Jair Bolsonaro é construído em diferentes frentes: pessoal, como aquele que foi capaz de derrotar o PT; político, sujeito capaz de enfrentar o sistema corrupto; e religioso, o enviado por Deus para salvar o Brasil (Dibai; Dalmonte, 2022). Destaca-se que essa vitória eleitoral foi de encontro com as estimativas dos principais analistas políticos do país (Prado, 2021).

67

Nesse sentido, é no âmbito virtual que os partidários bolsonaristas se articulam, encontram e cultivam uma nova capacidade de imersão, ganhando convergência, regularidade e adesão (Giorgi, 2019). Pesquisadores apontam para um sistema articulado e bem estruturado de produção e disseminação de desinformação, em consonância com a Presidência da República ocupada por Bolsonaro e um conjunto de atores públicos e privados, com uso da máquina estatal e grande aporte de recursos financeiros (Santana, 2023).

Destarte, Bolsonaro, o político, construiu uma rede de ataque aos seus adversários nas redes sociais (Avritzer, 2020). Seu “Gabinete do Ódio” dominou técnicas de manipulação digital, com desejo de governar sem respeitar mediações institucionais, recorrendo às redes sociais como forma de contato direto com os apoiadores (Dibai; Dalmonte, 2022).

Dessa forma, o bolsonarismo construiu suas próprias narrativas, revelando que engajamento e afeto não estão apartados de formações intelectivas (Dibai; Dalmonte, 2022). Sua governabilidade foi denominada de “governo-movimento” por Couto (2021), pois teria como escopos centrais: a produção de ruído, criação de inimigos e deslegitimação das Instituições e não a obtenção de resultados concretos em termos de políticas públicas (Chicarino, 2022).

Já no ano de 2020, com o advento da pandemia da Covid-19, em contraste com o negacionismo científico, que é uma das bases do bolsonarismo, os dados revelam que, mesmo diante da negativa do Presidente em atender as recomendações e protocolos mundiais de saúde frente a um número grande de mortes, parte dos apoiadores não o abandonaram, mas blindaram sua imagem e deslocaram a culpa para sujeitos-inimigos (Dibai; Dalmonte, 2022).

Por outro lado, apesar de manter alguns de seus seguidores fiéis, o crescente número de óbitos no Brasil pelo vírus, em paralelo com a má gestão bolsonarista, pôs início a crise do governo de Jair Bolsonaro, que se agravou diante da aliança formada entre imprensa, cientistas, governadores e organizações internacionais. Pela primeira vez desde 2018, ele não conseguiu tornar hegemônica a sua concepção de antigovernabilidade e antipolítica (Avritzer, 2020).

Nesse sentido, a pesquisa “Bolsonarismo em crise?” (2020) categoriza os eleitores e seguidores de Jair Bolsonaro em três tipos: os fiéis, os críticos e os arrependidos. A partir dos dados qualitativos coletados em entrevistas aos “*bolsominions*” foi revelado que a narrativa bolsonarista sobre o Coronavírus não convenceu grande parcela deles. Assim, os entrevistados declararam medo da doença, mas igualmente temor no desemprego e em demais ameaças levantadas pelo até então Presidente (Rocha; Sonalo, 2020).

Nessa conjuntura, com um Presidente que governava através de desinformação difundida em suas redes sociais diariamente, indo de encontro às pesquisas científicas e governando com base no temor e na promessa da derrota do inimigo, o que Rocha (2021) denominou de “retórica do ódio”, o Brasil visualizou na política, não o homem racional do modelo econômico de Downs (2013), mas eleitores polarizados a partir das emoções geradas pelos sentimentos de inclusão e exclusão ou pelos sentimentos positivos e negativos entre o antibolsonarismo e antipetismo (ou antilulismo), agravadas no bojo do ambiente virtual.

Assim encontrava-se o cenário do início das eleições de 2022: com petistas (ou lulistas) e antipetistas (ou antilulistas) e bolsonaristas e antibolsonaristas.

5 Perfil do eleitor brasileiro: existe um Brasil dividido?

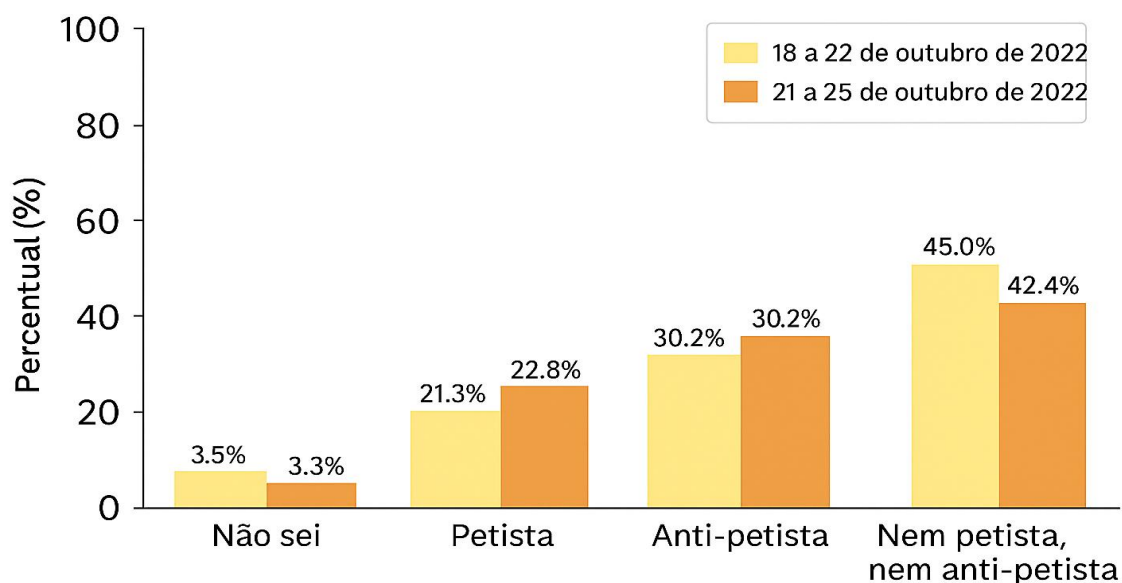
A eleição de 2022 pode ser considerada como a mais importante da história do Brasil desde que eleições presidenciais diretas e secretas (com sufrágio incluindo as mulheres) tiveram lugar em 1945 (Avritzer, 2022).

Destarte, o processo eleitoral iniciou-se de forma intensamente polarizada, com um grupo de brasileiros detentores de posicionamentos extremamente radicais que foram progressivamente se afastando do centro político, evidenciando forte crescimento da nova direita (Borges 2024) com perspectiva extremista, personificada no candidato Jair Bolsonaro, cujo apoio passou de 22% para 36% entre 2018 a 2022 (Avritzer, 2023).

No que se refere ao processo eleitoral, a literatura costuma estudar o impacto da identificação partidária na tomada de decisão dos eleitores, isto é, gostar ou não de determinado partido ampliaria as chances de o eleitor votar ou não nos candidatos. Todavia, no Brasil, as taxas dessa variável costumam ser baixas em comparativo com outros países latino-americanos (Catelano; Silva, 2023).

Diante disso, no que se refere à conjuntura eleitoral de 2022 ao cargo de Presidente da República, conforme pesquisas realizadas pelo Instituto *AtlasIntel* (2022), a grande maioria dos eleitores não se identifica nem como petista nem como antipetista.

Gráfico 1 – Identificação partidária- Pesquisa *AtlasIntel*



Fonte: Instituto *AtlasIntel* (2022).

Esse argumento é respaldado pela pesquisa nacional “A Cara da Democracia” realizada em junho de 2022 a qual foi revelado que atualmente apenas 20% dos eleitores brasileiros se identificam com algum partido político (INCT-IDDC, 2022).

Diante disso, para análise da polarização nas eleições presidenciais brasileiras de 2022, será considerado o personalismo de Lula e sua candidatura mais identificada à esquerda, e Jair Bolsonaro e sua candidatura mais identificada à direita.

Para fortalecer a coerência do desenho de pesquisa proposto, ainda nos resultados de “A Cara da Democracia”, foi mostrado que, mesmo sendo baixo o percentual de brasileiros que se identificam com algum partido político, o PT atinge a maior pontuação, sendo configurado o preferido de 13% dos eleitores e o segundo colocado o PL, optado preferencialmente por 2% do eleitorado (INCT-IDDC, 2022). Esses resultados convergem para partidos cujos candidatos disputaram a maior intenção de votos, expressa na força do personalismo de Lula e Bolsonaro. Nesse aspecto, a polarização política neste trabalho é tratada pela adesão eufórica dos eleitores a essas lideranças. Não obstante, vale notar que em relação à liderança de Lula, alguns estudos na ciência política têm apontado fortes vínculos da

avaliação pessoal com a identificação dos eleitores com o partido dos trabalhadores, isto é, o lulismo e o petismo são forças convergentes (Borges; Vidigal, 2023).

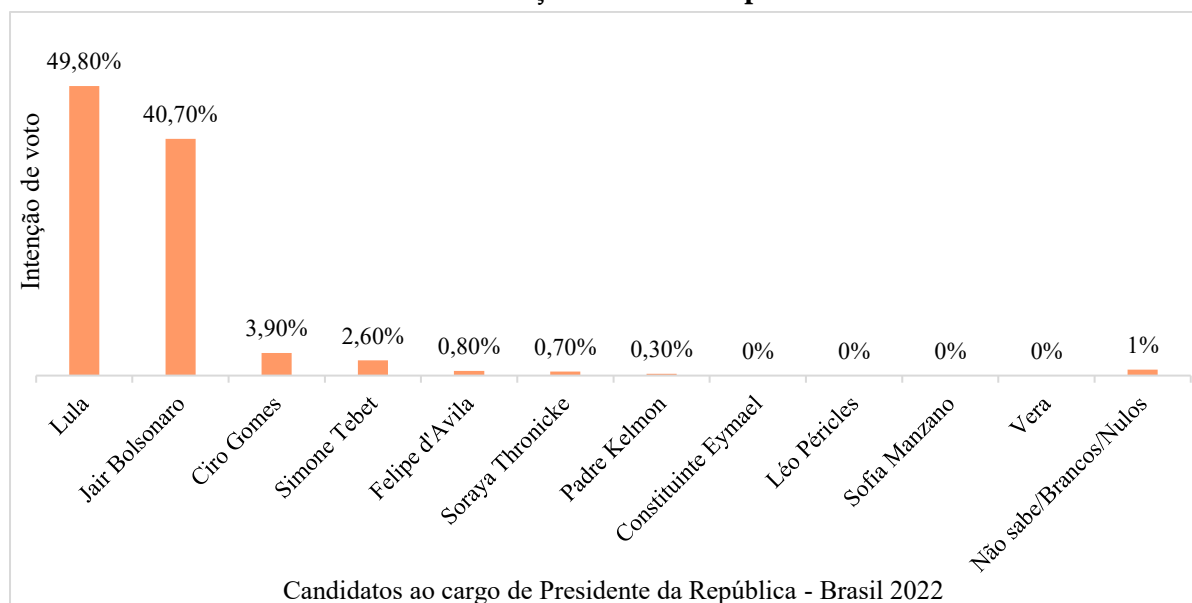
Assim, pretende-se identificar quem é o cidadão-eleitor a partir das intenções de votos, bem como se é possível vislumbrar a formação de uma polarização política baseada na conceituação e fundamentação exposta nas lideranças de Lula e Bolsonaro.

Destaca-se que, para as eleições de 2022, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) computou como eleitorado apto para votar a quantidade de 156.454.011 eleitores, os quais a maior quantidade localiza-se na região Sudeste (42,64%), seguido pelo Nordeste (27,11%), pelo Sul (14,42%), Norte (8,03%) e, por fim, Centro-Oeste (7,38%). Já quanto ao gênero, são 82.373.164 de eleitoras mulheres e 74.044.065 homens. Também é válido ressaltar que nessas eleições registra-se o maior cômputo do eleitorado já cadastrado da história do processo eleitoral brasileiro (Brasil, 2022).

Assim, tomando por base os dados quantitativos secundários referentes ao eleitorado brasileiro do TSE em comparativo com as intenções de voto retiradas das pesquisas eleitorais produzidas pelo Instituto Atlas Intel (Registro TSE BR-07338/2022, BR-06012/2022, BR-06415/2022 e BR-01560/2022). Destaca-se que tais pesquisas foram escolhidas por razão de sua baixa margem de erro, que variou entre mais ou menos 1 ponto percentual e índice de confiabilidade de 95%, sendo a que mais se aproximou do resultado concreto do primeiro turno das eleições presidenciais.

Diante disso, no que se refere ao primeiro turno, que ocorreu em 2 de outubro de 2022 (Brasil, 2022), o Instituto realizou pesquisa de intenção de votos com período de coleta entre 28 a 30 de setembro de 2022, espaço amostral de 4.500 respondentes, abrangendo 1.564 municípios, com a metodologia de Recrutamento Digital Aleatório (Atlas RDR)¹. Os dados dessa pesquisa revelaram:

Gráfico 2 – Intenção de votos do primeiro turno

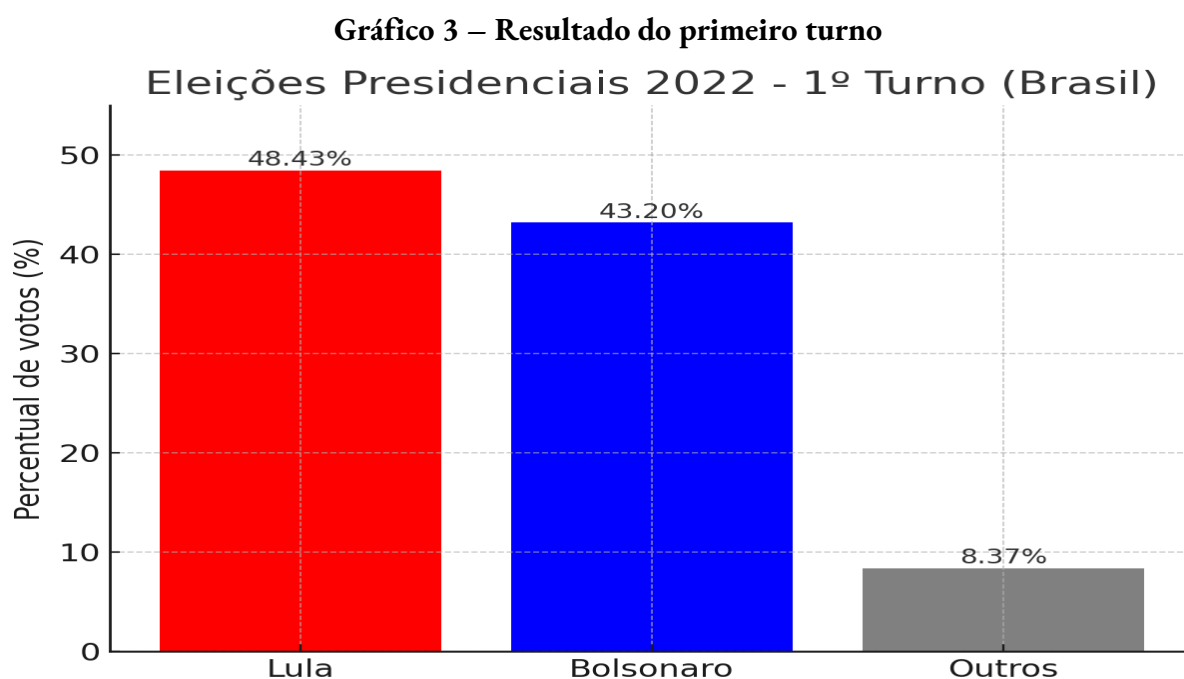


Fonte: Instituto AtlasIntel (2022).

¹ Metodologia denominada *Atlas Random Digital Recruitment* (RDR)

Demonstram que, mesmo no primeiro turno constando onze candidatos ao cargo de Presidente da República, a disputa já estava polarizada entre o Lula (PT) e o Jair Bolsonaro (PL). Essa polarização parte do já revelado: enquanto o candidato petista se considera ideologicamente de esquerda (ou centro-esquerda conforme algumas literaturas apontam), em coerência com seu partido, o segundo indivíduo se intitulou de extrema-direta, muito embora o partido ao qual estava vinculado se identifique como de centro-direita². Isto reforça também a baixa relevância do partido em detrimento do personalismo do candidato no cenário multipartidário brasileiro.

Diante disso, em um comparativo entre as intenções de voto da véspera com o resultado eleitoral do primeiro turno verifica-se o seguinte:



Fonte: Repositório do TSE (2022).

Percebe-se que o resultado da primeira etapa eleitoral foi muito mais acirrado do que o indicado pela pesquisa de véspera. Isto é, enquanto Lula (PT) estava na frente no estimado pela pesquisa eleitoral e Jair Bolsonaro (PL) em segundo lugar, no resultado das eleições a competição foi acirrada, mesmo a pesquisa considerando a margem de erro de um ponto.

Salienta-se que a divergência entre as pesquisas eleitorais e o resultado da primeira etapa eleitoral não ocorreu apenas na do Instituto *AtlasIntel*, mas abrangeu a grande maioria dos Institutos,

² Na página virtual do partido, consta que sua ideologia no espectro político de 1998 a 2006 foi considerada centro-direita, consta também seu Manifesto (elaborado no ano de 2006), seu Estatuto e seu Programa, contudo não foram localizadas disposições oficiais recentes sobre seu posicionamento ideológico, salvo a exposta. Disponível em: <https://partidoliberal.org.br/>.

como o DataFolha, que possuía na véspera da eleição Lula com 50% das intenções de votos válidos e Bolsonaro com apenas 36%, o Globo/Ipec, que mostrava o candidato petista com 51% e o, até então, Presidente, com 37%, a Genial/Quaest indicando o primeiro com 49% e o segundo com 38%, dentre outras.

Contudo, no que se refere à polarização política, reforça-se que, como na pesquisa eleitoral, a grande maioria dos votos válidos, de fato, foi distribuída entre os dois candidatos. Ficando os demais sem quaisquer chances de ir para o segundo turno, sendo a diferença entre o segundo colocado, Jair Bolsonaro (PL) com 43,20%, da terceira colocada, Simone Tebet (MDB) com 4,42%, de quase 39%, uma margem altamente significativa.

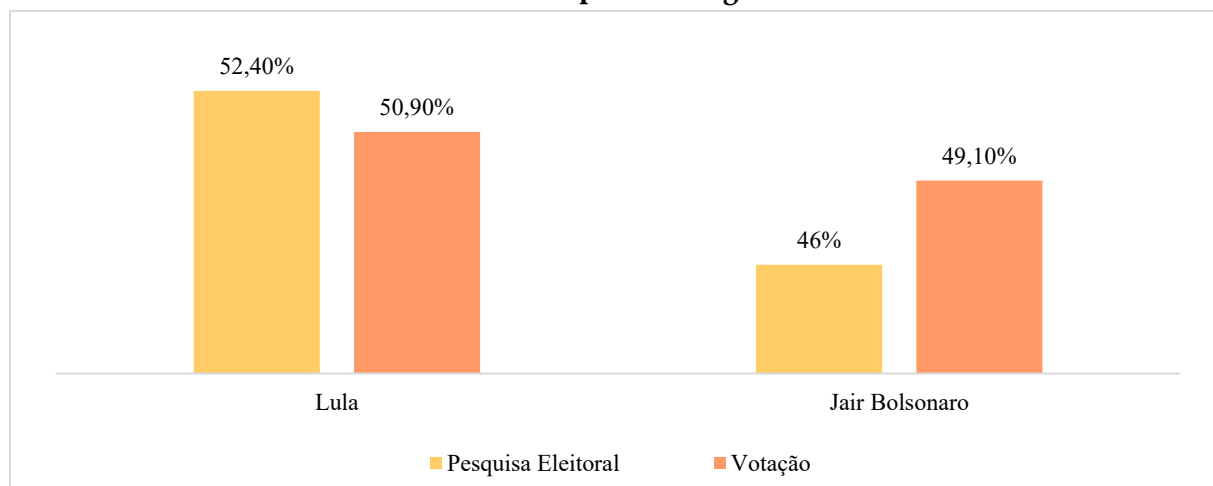
Esse fator demonstra que o pleito presidencial de 2022 demonstrou a mais expressiva polarização, registrada no processo eleitoral brasileiro desde a redemocratização. Tal afirmação pode ser observada na análise comparada dos resultados eleitorais de todas as eleições presidenciais, considerando o primeiro turno, entre os anos de 1989 a 2018, sempre esteve presente uma terceira força (Alkmim; Terron, 2022).

Logo, pode-se afirmar que uma terceira opção, historicamente sempre se apresentou como alternativa, obtendo resultados mais significativos nos anos de 2002, 2010 e 2014 (Alkmim; Terron, 2022). Ou seja, sempre foi colocada a existência de uma terceira opção eleitoral na disputa presidencial entre 1989 a 2018 no Brasil.

No que concerne ao primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, não se visualiza a existência de uma terceira via plausível, tendo em vista a diferença expressiva entre os votos dos mais votados para os demais candidatos.

Diante disso, compara-se agora o resultado do segundo turno, o qual teve como candidatos Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL). Para isso, utilizou-se a pesquisa eleitoral elaborada pelo Instituto AtlasIntel com período de coleta entre 21 a 25 de outubro de 2022 e o resultado do segundo turno das eleições, que ocorreu em 30 de outubro do mesmo ano, conforme repositório do TSE.

Gráfico 4 – Comparativo segundo turno



Fonte: Repositório do TSE e Instituto *AtlasIntel* (2022).

Percebe-se que a pesquisa eleitoral se aproximou do resultado das urnas no segundo turno, o qual teve como vencedor Lula (PT). Diante disso, a diferença entre os votos foi ainda mais diminuta, o que reforça o acirramento das candidaturas polarizadas, demonstrado pela clara divisão do eleitorado do país. A partir disso, passa-se a identificar o perfil do eleitorado desses dois candidatos na conjuntura eleitoral de 2022.

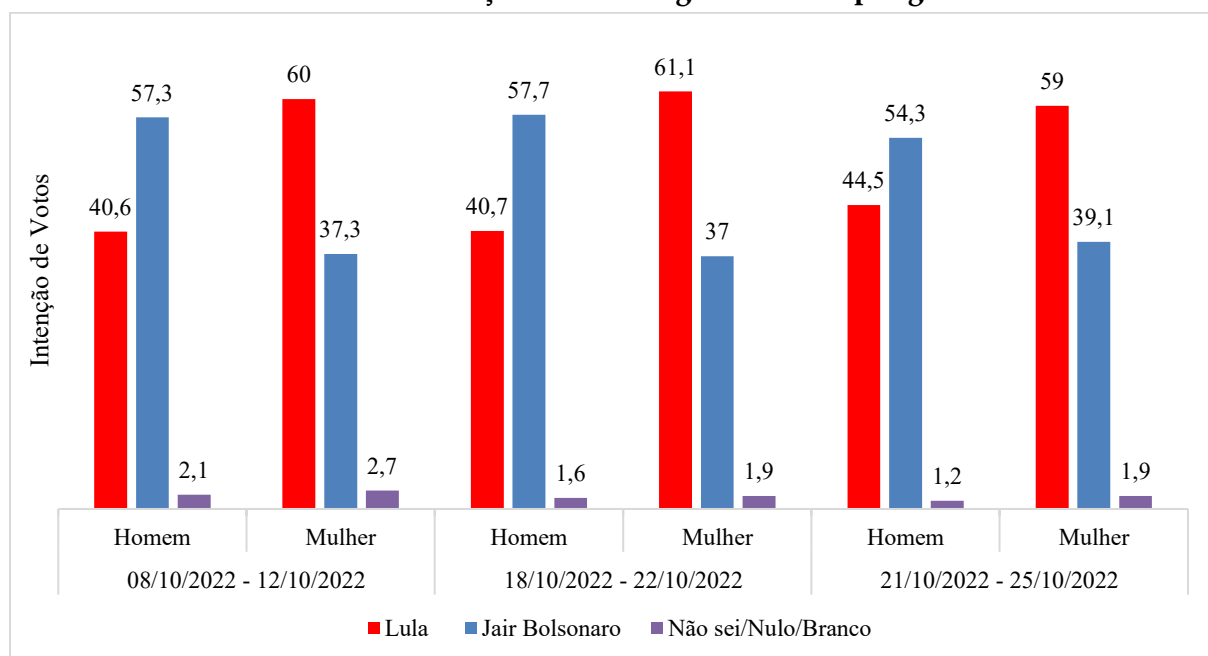
5.1 Votação por gênero

No que se refere ao eleitorado por gênero, desde as primeiras pesquisas eleitorais realizadas pelo Instituto Datafolha, entre 30 de agosto e 1 de setembro de 2022, quatro em cada dez brasileiros afirmaram não votar em nenhuma hipótese em Lula. Esse foi o maior patamar de rejeição registrado por um candidato petista entre o eleitorado masculino nos últimos 20 anos sobre as eleições presidenciais (Rovani, 2022).

Por outro lado, as intenções de voto do eleitorado feminino mantiveram Lula (PT) na liderança durante toda a campanha (Del Porto *et al.*, 2023). Esse dado surpreende, pois, historicamente, eram as mulheres que concentravam a maior rejeição aos candidatos do PT em disputas presidenciais (Rovani, 2022).

73 Contudo, nas eleições de 2022, estabilidade foi uma das principais características da intenção de voto das brasileiras, que são a maioria do eleitorado do país (Brasil, 2022; Del Porto *et al.*, 2023). Para tornar mais lúcido, o Gráfico 5 revela as intenções de votos por gênero em três pesquisas eleitorais, realizadas pelo Instituto *AtlasIntel*, que abrangeram o intervalo temporal entre o primeiro e o segundo turno.

Gráfico 5 – Intenção de votos segundo turno por gênero



Fonte: Instituto *AtlasIntel* – (2022).

Compreende-se pelo gráfico que Lula se manteve estável em percentual vitorioso entre as mulheres na pesquisa, com desvio padrão baixo de valor 1,05. Paralelamente, Jair Bolsonaro conseguiu galgar uma posição melhor na última pesquisa, muito embora seu percentual ainda seja baixo em comparação com o primeiro candidato, mostrando que ele não seria um candidato considerado para a grande maioria das eleitoras.

Destaca-se que a hostilidade consolidada do eleitorado feminino à Jair Bolsonaro, dado que ao longo de toda a campanha eleitoral a maioria dele indicou que jamais votaria no candidato, foi um comportamento que em nenhum outro momento foi visto nas oito eleições pós-democracia (Del Porto *et. al*, 2023).

Essa hostilidade feminina ao bolsonarismo trata-se de uma continuação das eleições de 2018. Esta que possuiu as mulheres como grande e mais visível oposição a Bolsonaro. Sendo, esse momento, representado pelo maior movimento de oposição a tudo o que o bolsonarismo simboliza através das redes sociais com a *hashtag* “#EleNao” (Brum, 2019).

Já entre os homens ocorreu o inverso, Lula possuía a menor quantidade, conquistando com o tempo o eleitorado masculino, embora ainda em uma posição abaixo de Jair Bolsonaro. Este, por sua vez, perdeu uma parcela das intenções de voto. Assim, na última pesquisa eleitoral, aproximou-se de um empate, tendo os candidatos a diferença de 10 pontos.

Além disso, pode-se observar que, nas eleições de 2022, há o menor número de indecisos, sendo considerado os mais baixos já registrados, ainda que seguidos de perto pelos dados de 2018 para o mesmo cargo (Catelano; Silva; Pulso, 2022).

Nessa perspectiva, observa-se do gráfico que, à medida que o segundo turno se aproxima, diminui, ainda mais, a quantidade de eleitores indecisos ou que declaram votar nulo ou branco, independentemente do gênero.

Diante disso, o cenário de 2022 possui uma peculiaridade: é mais estável do que todos os anteriores (Catelano; Silva; Pulso, 2022). Esse resultado foi confirmado nas urnas, sendo o percentual de votos brancos e nulos o menor desde 1994, sendo de 4,4% do total de votos. Para uma análise comparativa, enfatiza-se que este percentual é metade do registrado nas eleições de 2018 (Brasil, 2022).

Conclui-se que, de modo geral, a maioria dos eleitores por gênero escolheu um candidato no segundo turno, tendo a grande maioria das mulheres escolhido o Lula e uma quantidade significativa dos homens escolhido Jair Bolsonaro.

5.2 Votação por região

Conforme já exposto, os dois candidatos com maior intenção de votos, tanto no primeiro quanto no segundo turno, já ocuparam o cargo de Presidente da República. Diante disso, ao considerar o padrão eleitoral dos últimos 20 anos, na eleição de 2002, Lula (PT) venceu as eleições em todos os estados brasileiros, salvo em Alagoas. Contudo, a partir de 2006, as eleições para presidente passaram a ser marcadas por uma clara clivagem regional com o PT obtendo vantagem nas regiões Norte, Nordeste

e nos estados de Minas Gerais e no Rio de Janeiro, e o PSDB, seu principal concorrente em eleições anteriores, no Centro-Oeste, Sul e estados como São Paulo e Espírito Santo. Já nos três Estados do Sul do país, a única e última vez em que o PT ganhou uma eleição presidencial foi em 2002, com Lula (Mendes; Santana; Salles, 2022).

Por conseguinte, já nas eleições de 2018, em que concorreu pela primeira vez e foi vitorioso Jair Bolsonaro, a região Nordeste foi a única na qual ele não conseguiu vencer em nenhum Estado no primeiro turno e que não corroborou para sua vitória no segundo (Brasil, 2018).

Já sobre as eleições presidenciais de 2022, conforme o Gráfico 6, percebe-se que Lula mantém folgada vantagem sobre a região Nordeste durante todo o período do segundo turno.

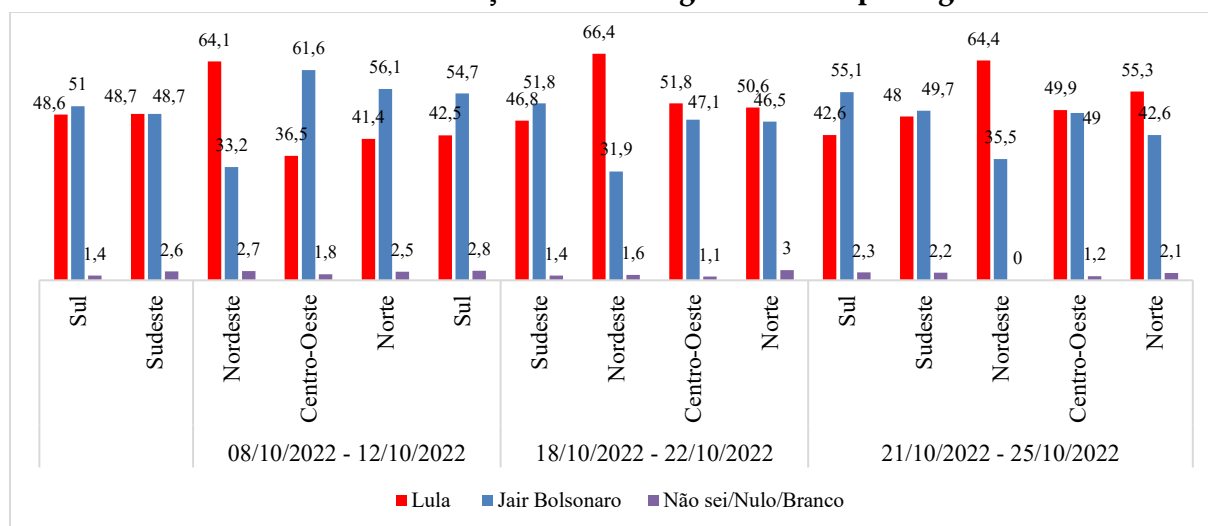
Destaca-se que, por decorrência dos programas de inclusão e assistencialistas do subproletariado e do proletariado promulgados nos governos lulistas, a região que mais refletiu efeitos dessas políticas públicas foi o Nordeste (Singer, 2012). Assim, mesmo com o fortalecimento do antipetismo e do antilulismo, Lula manteve-se com eleitorado fixo na região, conseguindo, inclusive, dar continuidade exitosa aos candidatos petistas que lhe sucederam. Tornando-se também, já nas eleições de 2018, a única região em que Jair Bolsonaro não conseguiu a vitória (Brasil, 2018).

Nesta feita, o Sul foi a que Jair Bolsonaro conseguiu conquistar mais votos, saindo de 51 pontos para 55,1. Enquanto isso, Lula perdeu 6 pontos na mesma região.

No Centro-Oeste também houve uma guinada expressiva, haja vista que após o primeiro turno, o candidato do PL estava com ampla vantagem. Contudo, à medida que se aproximou do segundo turno, ele foi perdendo nas intenções de voto, chegando a cair 12,6 pontos. Algo semelhante ocorreu no Norte, local em que Jair Bolsonaro declinou de 56,1 para 42,6 pontos.

Por outro prisma, no Sudeste, região que concentra o maior número de eleitores do país, os candidatos se mantiveram em um baixo desvio padrão, diferenciando-se, nas últimas pesquisas, por pouco mais de um ponto.

Gráfico 6 – Intenção de votos segundo turno por região



Fonte: Instituto AtlasIntel - (2022).

Diante do exposto, depreende-se que, com exceção do Nordeste, em que houve diferença expressiva entre a intenção de votos por candidatos, às demais regiões encontram-se divididas, isto é, polarizadas entre os dois candidatos, tendo em vista o baixíssimo número de indivíduos que responderam que não sabem ou que vão votar branco e nulo. Assim, a região mais dividida é a Sudeste, sendo, em contraste, uma das regiões mais determinantes para o resultado final das eleições do país.

5.3 Intenção de votos por idade, nível educacional e renda

Relativamente à idade dos eleitores, o candidato petista alcançou a maior intenção de votos com pessoas entre 16 a 24 anos, eleitores mais novos dentre muitos que estariam votando pela primeira vez, e 60 a 100 anos, trata-se do eleitorado mais velho. Salienta-se que, conforme a Constituição Federal de 1988, o voto é facultativo para maiores de setenta anos, maiores de dezesseis e menores de dezoito anos (Brasil, 1988).

No que se refere aos eleitores de maior faixa-etária, a maioria presenciou o governo da sucessora petista de Lula, Dilma Rousseff, ou dele próprio. Percebe-se que, inicialmente, são cidadãos que avaliaram positivamente tais governos. Contudo, com a aproximação do segundo turno a quantidade diminui, muito embora o candidato petista continue na frente por dez pontos.

Já o eleitorado mais jovem mantém quase-constância com Lula na frente. Frisa-se que, conforme dados do TSE, houve uma marca histórica de novos eleitores entre 16 e 18 anos nos períodos de janeiro a abril de 2022, representando um aumento de 47,2% em relação ao mesmo período de 2018. Esse quantitativo foi o maior recorde já registrado pela Justiça Eleitoral brasileira (Brasil, 2022).

Gráfico 7 – Intenção de votos segundo turno por idade

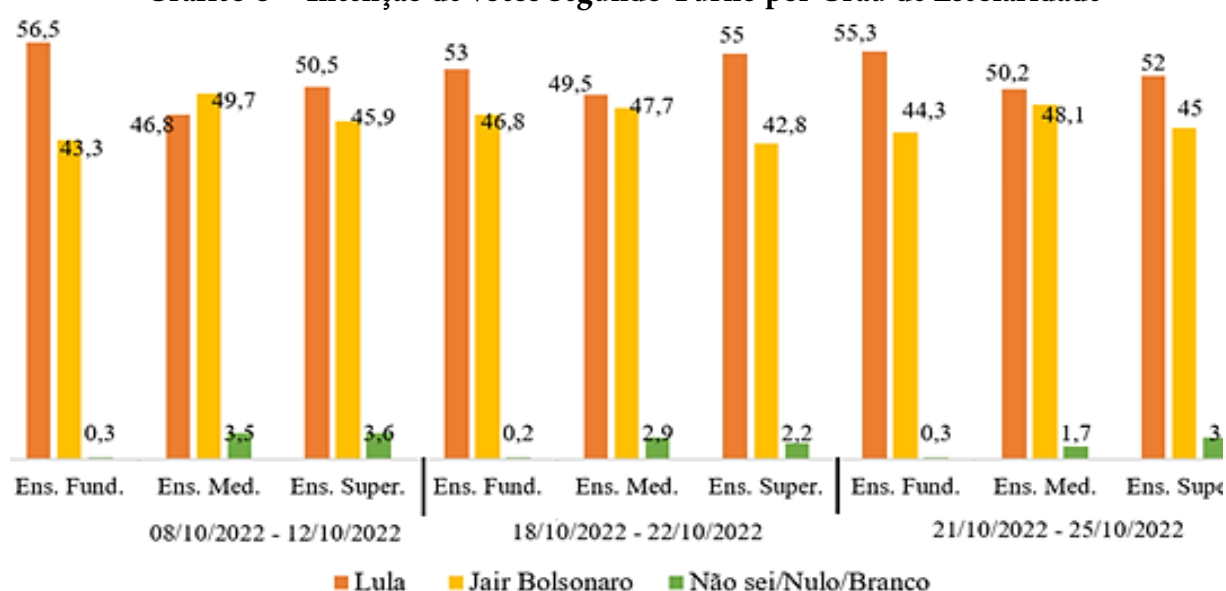


Fonte: Instituto AtlasIntel - (2022).

Jair Bolsonaro, por outro lado, possui inicialmente a maior intenção de votos entre eleitores com 25 a 34 anos e 35 a 44. Contudo, na última pesquisa, observa-se que ele caiu alguns pontos de modo que os dois candidatos se mantiveram empatados em tais faixa-etárias. Paralelamente, os eleitores entre 45 a 59 anos, os candidatos permaneceram empatados no início e no fim da segunda etapa das eleições presidenciais.

Passa-se a analisar o resultado das pesquisas eleitorais sobre o nível de escolaridade, dividindo-se entre eleitores que concluíram apenas o ensino fundamental, o ensino médio e que possuem ensino superior completo (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Intenção de votos Segundo Turno por Grau de Escolaridade



Fonte: Instituto AtlasIntel (2022).

Por conseguinte, percebe-se que Lula permaneceu à frente nas intenções de voto entre as pessoas que possuem apenas o ensino fundamental completo. Destaca-se que estas, como regra, estão relacionadas à parcela da população de baixa renda e com menor acesso à educação e que, conforme será explanado a seguir (Gráfico 9), e de forma coerente, possui o candidato petista como preferido.

Ademais, entre os que possuem ensino médio completo, geralmente relacionado à classe média, inicialmente demonstravam preferência por Jair Bolsonaro, contudo, no decorrer das pesquisas e proximidade do dia da segunda etapa eleitoral, seu posicionamento mudou, embora ambos os candidatos permaneceram próximos, diferenciando-se somente por dois pontos.

Dentre os de ensino superior completo, as intenções de voto permaneceram constantes dentre todo o período, com Lula pouco à frente. Salienta-se que a quantidade de indecisos também aumentou, como nas demais categorias analisadas com exceção do gênero, mas seu percentual permaneceu baixo comparado ao dos que se posicionaram entre um dos candidatos.

Destarte, ao traçar o perfil dos eleitores com base na renda, em todas as pesquisas de intenção de voto elaboradas pelo Instituto Datafolha, do primeiro e do segundo turnos da campanha eleitoral presidencial, Lula foi o escolhido pelos eleitores que têm até dois salários mínimos de renda familiar, enquanto Bolsonaro aparece como o preferido por um em cada quatro eleitores dessa faixa de renda na primeira etapa (Instituto Datafolha, 2022).

Nessa perspectiva, em um comparativo com as pesquisas eleitorais realizadas sobre o segundo turno pelo Instituto *AtlasIntel* (2022), Lula também se manteve em ampla vantagem entre os eleitores de baixa renda, em uma distância de quase trinta e sete pontos nas vésperas da segunda etapa das eleições presidenciais.

Enfatiza-se que, historicamente, Lula foi o político de origem mais humilde a ter chegado ao cargo de Chefe do Executivo, tendo, tal fato, influenciado na autoimagem e no amor-próprio do eleitorado popular (Coimbra, 2019).

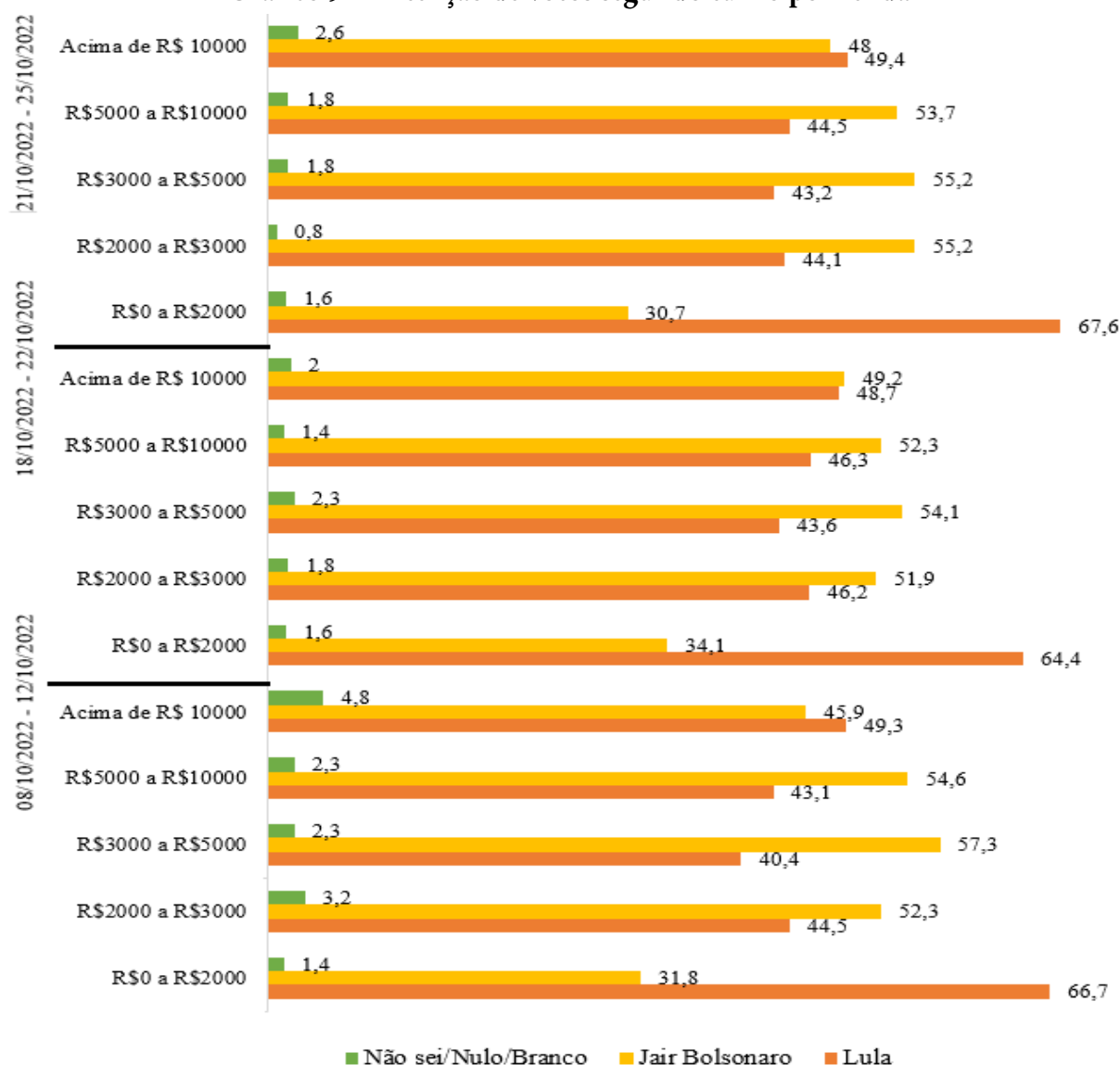
Analisando-se, assim, o fator renda com o de região (tópico 4.2), factualmente, a mais empobrecida e segunda mais populosa do país, onde habita boa parte dos subproletários, é a Nordeste, local em que o lulismo ganhou mais força a partir do seu discurso popular e seus programas de redistribuição de renda e assistencialista (Singer, 2012), contando com uma camada eleitoral fixa. Assim, segundo Francisco de Oliveira (2004), o processo de popularização do PT surgiu, sociologicamente, como “partido dos pobres”. Gerando tal identificação a partir do afeto, a ser fortalecido ao longo dos seus anos no poder, paralelamente a polarização afetiva em torno do partido e do seu principal representante. Consoante destaca Singer (2012):

O PT tem hoje cerca de dez vezes mais simpatizantes que vivem no piso da pirâmide econômica brasileira do que entre os que estão no topo dela, diferença que simplesmente não existia em meados da década de 1990. Por ter entrado no coração do subproletariado, o PT adquire a feição de “partido dos pobres”, lugar que estava vago na política brasileira desde pelo menos 1989, quando o PMDB foi fragorosamente derrotado pelo fracasso econômico do governo Sarney (Singer, 2012, p. 94).

Assim, a base de apoio petista nas eleições de 2022 se manteve coerente com sua história política, entre os eleitores de baixa renda e a região Nordeste, de modo que, mesmo perdendo apoiadores, ainda fez maioria.

Por outro lado, Jair Bolsonaro permaneceu como favorito entre os eleitores que declararam renda entre R\$ 3.000 a R\$ 5.000 e R\$ 5.000 a R\$ 10.000, considerados, respectivamente, classe média-alta e ricos, em folgada vantagem sobre o outro candidato (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Intenção de votos segundo turno por renda



Fonte: Instituto AtlasIntel (2022).

Observa-se, ainda, com as pesquisas eleitorais do Instituto DataFolha, que as intenções de voto em Lula ou em Bolsonaro tendem a dividir os eleitores mais ricos. Nesses termos, o candidato do PL encerrou a campanha do segundo turno sendo o preferido de seis em cada dez eleitores mais ricos (Instituto Datafolha, 2022). Assim, em equiparação com análise do *AtlasIntel* (Gráfico 9), verifica-se também que, entre os eleitores com renda declarada acima de R\$ 10.000, a diferença entre os candidatos foi de somente três pontos. Essa classe também conteve a maioria das pessoas que ainda não sabiam em quem votar ou declararam votar branco e nulo, contudo, com relação a quantidade de indivíduos que declararam o voto, o percentual ainda é considerado baixo.

Diante do exposto, percebe-se que há divisão entre as classes sociais: os eleitores mais pobres mantiveram de forma fixa o voto em Lula, enquanto a classe média em Bolsonaro e os mais ricos se dividiram.

5.4 Votação por religião

O aspecto religioso esteve ligado à escolha dos candidatos desde a redemocratização (Mariano, 2022)³. Nessa perspectiva, no que se refere às eleições de 2022, enfatiza-se dois pontos que demonstram o conhecimento dos candidatos acerca dessa esfera, de um lado, a imagem de Michelle Bolsonaro comumente encontrada vestida roupas com escritos como “Ore pelo Brasil” e “Jesus”, ajoelhada ou levantando as mãos em reverência religiosa durante as campanhas eleitorais (Rosas, 2023), de outro lado, a carta “Compromisso com os evangélicos” publicada por Lula em sua rede social ressaltando que, em seu governo anterior, promulgou normativos que defendiam a liberdade religiosa e garantindo, caso fosse eleito, o pleno funcionamento dos tempos e o estímulo à parceria entre Estado e Igreja⁴.

Dessa forma, por mais que Lula tenha tentado conquistar o voto dos evangélicos com esse ato, essa parcela eleitoral se manteve, em sua grande maioria, fiel à Jair Bolsonaro, conforme as pesquisas eleitorais realizadas pelo *AtlasIntel* (Gráfico 10).

Assim, do início ao fim da disputa pelo segundo turno, as pessoas de fé evangélicas mantiveram o candidato com 65 pontos em detrimento de 33 direcionado ao petista.

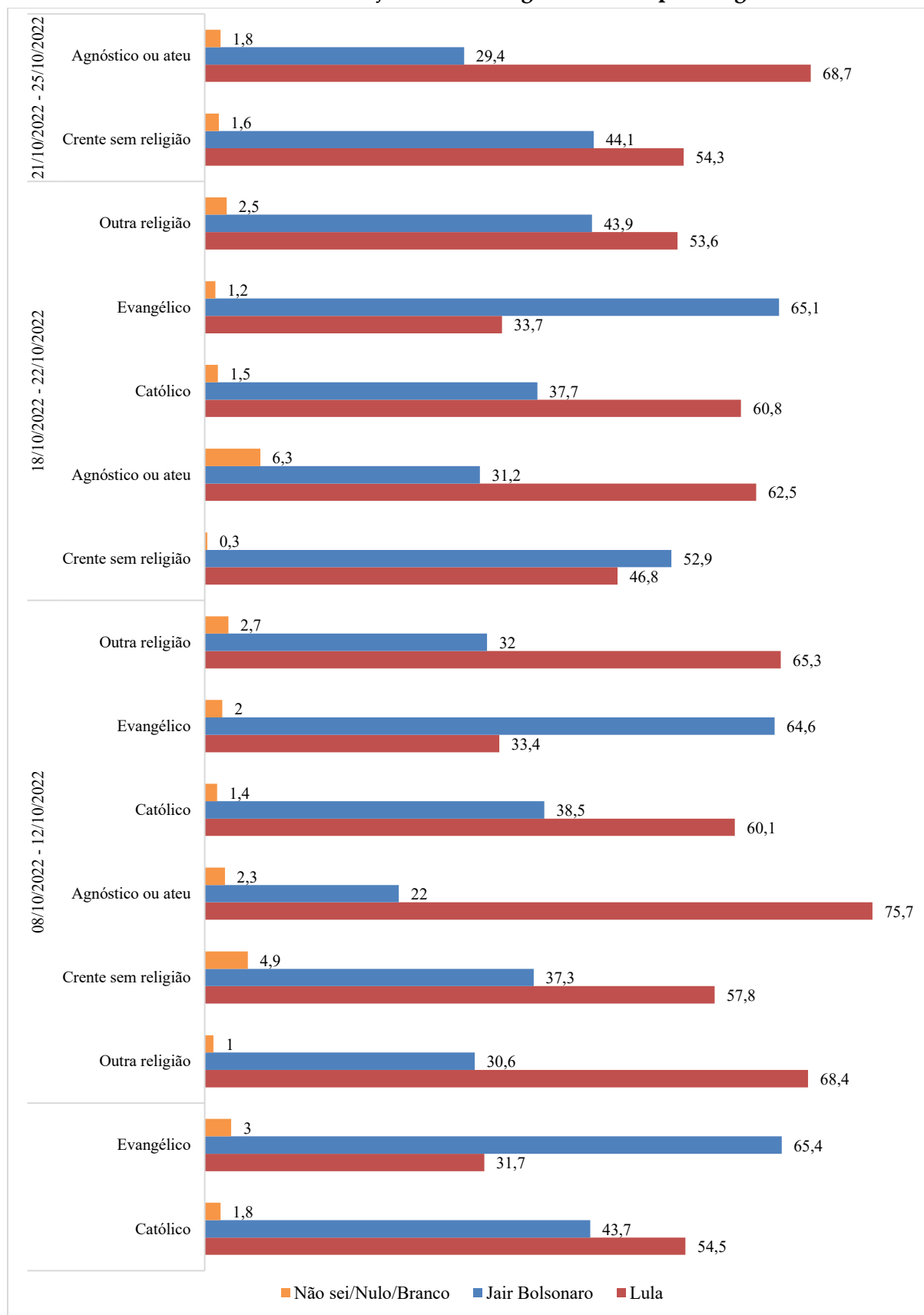
80 Esse fato se deve à ligação entre o bolsonarismo e uma grande parcela do setor evangélico brasileiro, que se estabeleceu ainda na campanha eleitoral de 2018, perpassando seu governo e, como demonstrado pelas pesquisas (Gráfico 10), permanecendo nas eleições de 2022.

Conforme Ronaldo de Almeida (2019), evangélicos, englobando pastores e políticos, foram centrais no núcleo de campanha de Bolsonaro ainda em 2018, com citações bíblicas durante a campanha eleitoral, perpassando o discurso da sua posse e permeando todo seu período no governo (Almeida, 2019).

³ Para aprofundar no assunto, veja pesquisa de Ricardo Mariano (2022) intitulada “Ativismo político de evangélicos conservadores rumo à extrema-direita” no livro “Democracia e eleições no Brasil: para onde vamos?” de Magna Inácio e Vanessa Elias de Oliveira.

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/lulaoficial/>. Acesso em 15 jul. 2023.

Gráfico 10 – Intenção de votos segundo turno por religião



Fonte: Instituto AtlasIntel (2022).

Assim, a mobilização evangélica foi determinante para a vitória de Bolsonaro em 2018 (Nicolau, 2020) e permaneceu significativa nas intenções de voto durante o período eleitoral de 2022. Contudo, nas eleições de 2022, o voto evangélico não foi suficiente e determinante para a vitória de Jair Bolsonaro (Gráfico 3).

Já que entre as demais variáveis, Lula se manteve na frente. Contudo, destaca-se que o candidato petista adquiriu larga vantagem principalmente entre os que se declararam agnósticos ou ateus. Esse resultado também foi observado nas pesquisas do Instituto DataFolha. A partir de ambas as pesquisas, compreende-se que, nos segmentos da variável religião, a diferença entre ambos os candidatos foi substantiva.

6 Conclusão

O trabalho analisa a dinâmica da polarização no contexto da disputa presidencial do sistema político brasileiro. Destaca-se a disputa no segundo turno, de forma inédita, ocorreu entre dois agentes que já ocuparam o cargo de Presidente da República do Brasil, tendo esse posto sido ocupado por Lula (PT) durante os anos de 2003 e 2010, e Jair Bolsonaro (PL), de 2018 a 2022.

82 A partir de todo o exposto, confirma-se que as eleições presidenciais de 2022 revelaram um Brasil consistentemente dividido em relação às preferências políticas. Assim, observa-se que, de um lado, a maior parte das mulheres, nordestinos, mais pobres, católicos ou pessoas sem religião e indivíduos de voto facultativo, direcionaram sua preferência por Lula (PT), de encontro a esse fato, os homens, sulistas, de classe média e evangélicos optaram por Jair Bolsonaro (PL). Além disso, nas demais variáveis, as intenções de voto estão empatadas entre os dois polos ou divergem por poucos pontos, mantendo a polarização entre os líderes políticos.

Observa-se, ainda, na prática, o paradoxo assinalado por Singer (2021), ao analisar, no bojo das eleições de 2018, que a polarização provocada por essa “nova direita” em ascensão no Brasil também resulta num efeito politizador, expresso no aumento de eleitores que se posicionam (Borges, 2024). Isso se tornou visível ao observar nos gráficos e em todas as categorias prescritas a baixíssima quantidade de eleitores indecisos ou que declararam votar em branco ou nulo nas pesquisas eleitorais de 2022, bem como no cômputo do maior eleitorado cadastrado da história brasileira.

Ademais, verifica-se que, embora tenha sido possível traçar o perfil do eleitorado e identificar a existência de uma polarização nas eleições presidenciais de 2022 a partir das pesquisas eleitorais, os dados quantitativos dessas pesquisas não são suficientes para aprofundar as dimensões e efeitos da polarização afetiva de forma mais precisa acerca das consequências das eleições de 2022 para o sistema político brasileiro.

7 Referências

ABRANCHES, S. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: ABRANCHES *et al.* **Democracia em risco**: 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

ALKMIM, A. C.; TERRON, S. L. O Brasil é realmente um país polarizado? Análise das eleições presidenciais de 1989 a 2018. **Revista Estudos Avançados – Dossiê Eleições**. v. 36, n. 106, p. 7-32, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yvk63R4SSWFzDsnZLByybFr/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ALMEIDA, A. C. **O motivo que levou à vitória de Bolsonaro (online)**. Poder 360, 31 out. 2018. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniao/eleicoes/o-motivo-que-levou-a-vitoria-de-bolsonaro-segundo-alberto-carlos-almeida/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

ALONSO, A. A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. **Novos Estudos Cebrap (NEC)** – Edição Especial, São Paulo, v. 36, n.0, p.49-58, jun. 2017.

ALVES, M; MARTINS, J. Entre o antipetismo e a terceira via. **Revista Compolítica**, v. 12, n. 2, p. 59-86, 7 abr. 2023.

AVRITZER, L. **Impasses da democracia no Brasil**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

AVRITZER, L. Eleições e Democracia. In: Avritzer, L; Santana, E; Bragatto, R. (eds.), **Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil**. Belo Horizonte, Brazil: Autêntica Editora.

AVRITZER, L; SANTANA, E; BRAGATTO, R. C. **Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

BORBA, F. Polarização e emoções políticas no Brasil contemporâneo. Niterói: UFF, 2020.

BRASIL, TSE. **Brasil tem mais de 156 milhões de eleitoras e eleitores aptos a votar em 2022**. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/brasil-tem-mais-de-156-milhoes-de-eleitoras-e-eleitores-aptos-a-votar-em-2022-601043> Acesso em: 23 jun. 2023

BRASIL. **Tribunal Superior Eleitoral. Calendário Eleitoral – Eleições 2022**. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/calendario-eleitoral/calendario-eleitoral>. Acesso em 03 jul. 2022.

BRUM, E. **Brasil, construtor de ruínas – Um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

CARREIRÃO, Y. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. **Opinião Pública**, v. 13, n° 2, p. 307-339, 2007.

CATELANO, O. Z.; SILVA, P. P; PULSO, P. **O número de indecisos para eleição presidencial é o menor já registrado. O que está por trás disso?**. Observatório das Eleições. 2022. Disponível em: <https://observatoriodaseleicoes.com.br/2022/08/25/onumero-de-indecisos-para-eleicao-presidencial-e-o-menor-ja-registrado-o-que-esta-portras-disso/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

CHICARINO, T; CONCEIÇÃO, D. L; SEGURADO, R. A CPMI das Fake News como palco de disputas discursivas permeadas pelo bolsonarismo. **Revista Compolítica**, v. 12, n. 3, p. 109-138, 3 jun. 2023.

DEL PORTO, F. B. **Em SP, Lula amplia votação do PT em todas as cidades. Bolsonaro perde votos em 3 a cada 4 municípios**. 2023. Observatório das Eleições. Disponível em: <https://observatoriodaseleicoes.com.br/author/fabioladelporto/>. Acesso em 10 de jul. 2023.

DIBAI, P; D'ALMONTE, E. A militância bolsonarista em redes online: polarização afetiva e os impactos à comunicação democrática. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 25, n. 2. p. 142–168, 2022. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27892. Acesso em: 31 out. 2023.

DOWNS, A. **Uma Teoria Econômica da Democracia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

FUKS, M.; MARQUES, P. H. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 560–593, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8671918>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FUKS, M.; MARQUES, P. Afeto ou ideologia: medindo polarização política no Brasil?. In: **12º Encontro da ABCP**, 2020, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB). Área Temática: Comportamento Político e Opinião Pública [...]. [S. l.: s. n.], 2020.

GIORGI, G. Arqueologia do ódio: apontamentos sobre escrita e democracia. *In*: KIFFER, A; GIORGI, G. **Ódios políticos e política do ódio**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 81-132, 2019.

HOBOLT, S. B; LEEPER, T.J; TILLEY, J. Divided by the vote: affective polarization in the wake of the Brexit referendum. **British Journal of Political Science**, jul. 2020.

IYENGAR, S; WESTWOOD, S. J. Fear and loathing across party lines: New evidence on group polarization. **American Journal of Political Science**, v. 59, n. 3, p. 690–707, 2015.

IYENGAR, S; SOOD, G; LELKES, Y. Affect, not ideology: A social identity perspective on polarization. **Public Opinion Quarterly**, v. 76, n. 3, p. 405–431, 2012.

HUNTER, W; POWER, T. Recompensando Lula: poder executivo, política social e as eleições brasileiras em 2006. *In*: MELO, C; SÁEZ, M. A. (orgs.) **A democracia brasileira: balanço e perspectivas para o século XXI**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.

85

IYENGAR, S; SOOD, G; LELKES, Y. Affect, Not Ideology: A Social Identity Perspective on Polarization. **Public Opinion Quarterly**, v. 76 n. 3, p. 405 a 431, set. 2012.

LELKES, Y. Mass Polarization: Manifestations and Measurements, **Public Opinion Quarterly**, v. 80, n. S1, p. 392 -410, 2016.

LIMONGI, F; MENEGUELLO, R. **Polarização e democracia no Brasil**: entre o antagonismo e a representação. São Paulo: CEBRAP, 2022.

MAIA, R. Mídia, deliberação e polarização política. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

MARIANO, R. Ativismo político de evangélicos conservadores rumo à extrema direita. *In*: INÁCIO, M; OLIVEIRA, V.E. (Ed.). **Democracia e eleições no Brasil**: para onde vamos? São Paulo: Hucitec, p. 219-236, 2022.

MARTINS, H. **Desinformação: crise política e saídas democráticas para fake News**. São Paulo: Veneta, p. 108. 2020.

MASON, L. **Uncivil agreement: how politics became our identity**. Chicago: University of Chicago Press, 2018.

MELLO, P. A máquina do ódio. São Paulo: Cia. das Letras, 2020. **Dossiê Eleições**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, vol. 36. n. 106. 2022.

MELO, C. R.; CÂMARA, R.; SANTOS, M. What can ideology tell us? An analysis of deputies and parties in the Brazilian, Chilean and Uruguayan legislatures. *In*: ALCÁNTARA SÁEZ, M; GARCÍA MONTERO, M; RIVAS PÉREZ, C. (eds.). **Politics and political elites in Latin America**. Boulder: Springer International Publishing, 2020.

MENDES, M; SANTANA, L; SALLES, N. **A eleição presidencial de 2022 vista pela clivagem regional**: continuidade ou mudança. Observatório das Eleições. 2022. Disponível em: <https://observatoriodaseleicoes.com.br/2022/08/12/a-eleicao-presidencial-de-2022-vista-pela-clivagem-regional-continuidade-ou-mudanca/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MESSENBURG, D. “A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros”. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, vol. 32, nº 3, p. 621-648, set.-dez. 2017.

86

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

NUNES, F; TRAUMANN, T. A eleição que calcificou o país. *In*: AVRTZER, L; SANTANA, E; BRAGATTO, R. (eds.), **Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil**. Belo Horizonte, Brazil: Autêntica Editora.

ORTELLADO, P; RIBEIRO, M; ZEINE, L. Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisa de opinião. **Revista Opinião Pública** (CESOP), Campinas, vol. 28, 2º 1, jan.-mar, p. 62 -91, 2022.

PAIVA, D.; KRAUSE, S.; LAMEIRÃO, A. P. O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. **Opinião Pública**, v. 22, n.3, P. 638-674, 2016.

PAVEZ, T. “Povo das armas” versus “Povo do Bolsa Família”: imaginário e voto popular em 2018. **Revista Opinião Pública** (CESOP). v. 29, nº 2. Campinas. Maio- agosto, p. 327-362, 2023.

PENTEADO, C, LERNER, C. A direita na rede: mobilização online no impeachment de Dilma Rousseff. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 10, nº 1, p. 12-24, abr. 2018.

PINHEIRO-MACHADO, R; SOLANO, E. **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2019.

PIMENTEL JR., J. T. P. Razão e emoção: o voto na eleição presidencial de 2006. **Revista Opinião Pública** (CESOP), v. 16, no 2, p. 516-41, 2010.

PRADO, M. **Tempestade Ideológica – Bolsonarismo**: A Alt-Right e o Populismo Liberal do Brasil. São Paulo, SP: Ed. Lux, 2021.

QUADROS, M. P. R; MADEIRA, R. M. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Revista Opinião Pública** (CESOP), Campinas, v. 24, nº 3, set.-dez. 2018.

RENNÓ, L; AMES, B. PT no purgatório: ambivalência eleitoral no primeiro turno das eleições presidenciais de 2010. **Revista Opinião Pública** (CESOP), v. 20, nº 1, P. 1-25, 2014.

87

RIBEIRO, E; CARREIRÃO, Y; BORBA, J. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. **Revista Opinião Pública** (CESOP), vol. 22, nº 3, p. 603-37, 2017.

ROCHA, C. Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil. São Paulo: **Todavia**, 2021.

ROCHA, C; SOLANO, E. **Bolsonarismo em crise?** São Paulo: FESBrasil, 2020.

ROCHA, J. C. C. **Guerra Cultural e Retórica do Ódio**: crônica de um Brasil pós político. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROGOWSKI, J. C; SUTHERLAND, J. L. How Ideology Fuels Affective Polarization. **Political Behavior**, v. 38, n. 2, p. 485-508, 2016.

ROSAS, N. Notas Sobre Evangélicos, Política e Gênero a Partir Das Eleições de 2022. **Debates Do NER**, n. 42, 2023.

ROVANI, A. **Rejeição a Lula atinge 44% entre eleitores homens, maior patamar em 20 anos**. Observatório das Eleições. 2022. Disponível em: <https://observatoriodaseleicoes.com.br/2022/09/05/rejeicao-a-lula-atinge-44-entreeleitores-homens-maior-patamar-em-20-anos/>. Acesso em: 30 jun. de 2023.

SAMUELS, D. J.; ZUCCO, C. *Partisans, antipartisans, and nonpartisans: voting behavior in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SINGER, A. A reativação da direita no Brasil. **Revista Opinião Pública** (CESOP), Campinas, v. 27, nº 3, set.-dez., 2021. P. 705 a 729.

SANTANA, E. Ecossistema de desinformação se consolidou com o bolsonarismo. *In*: AVRITZER, L.; SANTANA, E.; BRAGATTO, R. (eds.), **Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil**. Belo Horizonte, Brazil: Autêntica Editora.

SINGER, A.; VENTURI, G. Sismografia de um terremoto eleitoral. *In*: Vários autores. **Democracia em crise?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SINGER, A. **Os sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.5

88

SOUSA, M. M. S. **O que você sente sobre Política?** A influência da percepção de ameaça sobre a polarização afetiva no eleitorado. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação de Ciência Política, UFPE, 2019.

The profile of the Federal Republic of electorate in the presidential election process: reflections of a divided Brazil?

ABSTRACT: To what extent did the 2022 presidential elections in Brazil define the polarization and division of the electorate? Contemporary political theory has devoted increasing attention to the phenomenon of affective polarization. To this end, it understands the process by which political divisions cease to be primarily based on ideological or programmatic differences and become structured by emotions and social identities. In the Brazilian context, specialized literature points to the consolidation of the Workers' Party (PT) in the Federal Executive branch, with Luiz Inácio Lula da Silva as its main leader, and the rise of the new right, materialized in extreme form by the election of Jair Bolsonaro to the presidency of the Republic, as the main drivers of this process. In this sense, the 2022 elections marked a heightened intensity of this situation, evidenced by an intensely polarized contest between the two candidates, both former presidents, which resulted in a significant division in voting intention estimates. Given this scenario, this study aims to investigate the profile of the Brazilian voter in light of affective polarization. To this end, a theoretical survey of the phenomenon and the two main political actors in dispute is initially conducted, followed by a descriptive analysis based on secondary data from electoral surveys conducted by the AtlasIntel Institute. This approach aims to explore the profile of Brazilian voters in light of affective polarization in response to the research question.

89 **KEYWORDS:** Lulismo; Bolsonarismo; Polarity; Political Behavior; Executive Power.

Perfil del electorado en la elecciones para el cargo de presidente de la república: ¿reflejos de un Brasil dividido?

RESUMEN: ¿En qué medida las elecciones presidenciales de 2022 en Brasil definieron la polarización y división del electorado? La teoría política contemporánea ha dedicado cada vez más atención al fenómeno de la polarización afectiva. Para ello, comprende el proceso mediante el cual las divisiones políticas dejan de basarse principalmente en diferencias ideológicas o programáticas para pasar a estructurarse a partir de emociones e identidades sociales. En el contexto brasileño, la literatura especializada señala la consolidación del Partido de los Trabajadores (PT) en el Poder Ejecutivo Federal, con Luiz Inácio Lula da Silva como su principal líder, y el ascenso de la nueva derecha, materializado de forma extrema con la elección de Jair Bolsonaro a la presidencia de la República, como los principales impulsores de este proceso. En este sentido, las elecciones de 2022 marcaron una mayor intensidad de esta situación, evidenciada por una contienda intensamente polarizada entre los dos candidatos, ambos expresidentes, que resultó en una división significativa en las estimaciones de intención de voto. Ante este escenario, este estudio tiene como objetivo investigar el perfil del votante brasileño a la luz de la polarización afectiva. Para ello, se realiza inicialmente un estudio teórico del fenómeno y de los dos principales actores políticos en disputa, seguido de un análisis descriptivo basado en datos secundarios de encuestas electorales realizadas por el Instituto AtlasIntel. Este enfoque busca explorar el perfil del electorado brasileño a la luz de la polarización afectiva en respuesta a la pregunta de investigación.

PALABRAS CLAVE: Lulismo; Bolsonarismo; Polaridad; Comportamiento Político; Poder Ejecutivo.